DA TACHYGRAPHIA PARA @_TAQUIGRAFIA
APOIO AOS HISTORIADORES PARA A PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS

Maria Cristina Lins de Oliveira Mello[1]

RESUMO: O estudo mostra o caminho evolutivo da Palavra falada e escrita na humanidade. Descreve a Taquigrafia e seu histórico milenar, e de como é o instrumento para tornar possível o registro, na sua íntegra com fidelidade e fidedignidade, de: entrevistas, depoimentos, testemunhos e demais oralidades estabelecidas entre pessoas, com isso dificultando os desvios comuns que possam vir a ser encontrados com a simples anexação de áudios ou vídeos ao conteúdo da história oral, trazendo a importância do trabalho técnico feito por transcritores hábeis e preparados, minimizando o tempo despendido com a transcrição, e que serve de apoio a historiadores que utilizam a metodologia da história oral, como também quando do fazer histórico metodológico para uma historiografia justa ao analisar documentos antigos que teriam sido confeccionados por Tachygraphos. Sendo a técnica que perpetua de forma escrita as oralidades diversas registradas de forma sistemática, em torno de qualquer tema, para a preservação de memórias históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Tachygraphia a Taquigrafia. História. Preservação.

EN PASSANT SOBRE A EVOLUÃO HISTÓRICA DA PALAVRA

A Palavra falada e escrita como início transformador e evolutivo na comunicação da história da humanidade. Essa afirmativa nos faz revisitar vários lugares na memória histórica da formação e evolução da civilização humana e dos mecanismos de comunicação entre as pessoas, vindo à mente a curiosidade em saber quando, onde e como surgiram os primeiros caracteres representativos dos sons - da Palavra – normalmente demanda pelo simples conviver entre os povos. Pontuar com exatidão esses espaços de tempo, lugar e modo para essa definição nos deixa órfãos de datas certas e justas, pois seriam aspectos ainda ignorados para tanta precisão. Tudo parte de um processo evolutivo, e como processo já nos remete à ideia de um movimento lento, impregnado de perdas e de acréscimos de vários aspectos e acontecimentos. É imperioso ressaltar que a passagem, a transformação; e aqui poderia se dar mais

[1] Mestranda do PPGH – UNICAP/PE – e-mail: maria.2020608152@unicap.br

adjetivações; do som para a forma escrita da oralidade é um dos aspectos desse processo evolutivo das civilizações, pois é um marco de várias identidades.

É grande a probabilidade de que a escrita tenha nascido com o próprio homem e que vem se adaptando com ele e por ele próprio pelos séculos, pois indubitavelmente, do homem, manteve-se e se matem inseparável. É fácil notar que as representações gráficas das oralidades, através da escrita, conservam aspectos inerentes a cada povo, a cada universo pessoal de cada civilização, e para tal, cada civilização traz para si uma comprovação de que teria sido esta a inventora primeira de tal representação. Essa afirmativa está correta quando analisamos que cada povo tenta explicar o seu modo próprio de escrita baseado em fatos históricos. É fato que, depois de tantos e de cada processo de invenção das escritas, o que ficou comprovado é que o Homem passou a ser considerado um verdadeiro Ser Divino, pois havia inventado a maior maravilha do universo – o alfabeto, o que brindaria um dos processos evolutivos da humanidade desde então. Importantíssimas, relevantes e múltiplas foram as causas para que o Homem partisse a procura de meios mais precisos e que tivessem a característica de tornar permanente a comunicação de suas ideias, como também a preservação delas, ou seja, a conservação das suas memórias para que servissem de modelos e legados para seus herdeiros. Não só suas ideias, mas todo um arcabouço de ações, preceitos religiosos, leis de governos, legados dos filósofos, que iriam nortear o conviver entre os povos.

A representação gráfica dos sons das palavras, como já ressaltado, passou por um longo processo, um longo espaço de tempo e um penoso trabalho intelectual dos que a isso se dedicavam. É imperioso salientar também, associada à invenção da escrita, tem-se a invenção do papel que não é tão quão antiga, porém o homem, antes mesmo de conhecer o papel, já escrevia usando outros materiais sobre os quais podia afixar seus pensamentos por meio de sinais. Um dos primeiros desses materiais usados seria a pedra, a rocha onde eram “escritos” sinais e figuras que representavam as expressões do homem. Mais à frente no tempo, viu-se que se tornava incômodo e dificultoso ter que ir àquelas rochas para se ler o que ali continha, partindo-se para

escrever em rochas menores, mais fáceis para serem transportadas e colocadas reunidas em um só espaço físico mais acessível. Uma curiosidade seria que a partir daí apareceriam as primeiras pedras sepulcrais e comemorativas, pois nelas continham muitas informações específicas de pessoas e acontecimentos históricos. Essa arte de escrever em pedras tornou-se um hábito e se generalizou desde as civilizações mais antigas, tanto os gregos, quanto os romanos; e ainda hoje conserva-se o ato de fazer lápides sepulcrais em jazigos familiares; citando ainda os Persas, Hebreus, Egípcios, os povos Indígenas que também utilizavam as peles de bisonte para deixarem registradas as suas habilidades de guerrilheiros ou de caçadores através de gravuras, e ainda os Chineses que descobriram o papel.

Até que, ao chegar no séc. XX, o homem ainda continua se reinventando e evoluindo a cada dia, mais e mais, nas formas de inventar múltiplos mecanismos para escrever a palavra. E muitos também são os artefatos físicos que se associam a esses inventos, tais como a invenção do Gravadores de áudio em fita magnética, e mais à frente a invenção das fitas magnéticas compactas (conhecidas como K7) para gravação de áudio lançadas oficialmente em 1963; também os gravadores de voz portáteis, em 1968, foi uma invenção muito importante para um melhor manuseio e transporte e para que se pudesse captar as palavras de uma forma mais confortável e com a mesma qualidade. Já no final dos anos 80 e início de 90, outro artefato foi inventado para gravação de áudio, tais como os CD's (*compact disc*/disco compacto), o que, mais uma vez, comprovava o avanço tecnológico acelerado no campo da captação de áudio no mundo. Chegado no séc. XXI, surpreendente, é evidente ainda a evolução e o progresso que o homem vem traçando na descoberta de melhores formas para a captação das oralidades e na forma de transcrevê-las, quer sejam pelas mãos humanas com *tablets* (através de canetas digitais) ou por decodificadores de voz informatizados que, mesmo se utilizando da inteligência artificial, necessitam da mão humana para serem prontamente manipulados, para que o resultado da transcrição seja fiel e correta, resultando em um documento autêntico.

A ARTE DA REPRESENTAÇÃO DA VOZ PELA ESCRITA

Toda Arte passa por um processo de aprendizado, utilizando-se do tempo e, porque não dizer, da persistência para sua concepção e sedimentação como técnica. Faz parte do processo mecânico de toda e qualquer aprendizagem e que finda por modelar pensamentos e atitudes, e que definem identidades próprias. Com a Arte da Escrita não seria diferente, pois foi uma sublime técnica que transformou pelos séculos passados e em ciclos vagarosos e evolutivos, como já citados anteriormente. Alguns historiadores enfatizam que foram os egípcios, quando de suas antigas tradições, que teriam concebido o alfabeto quando já havia decorrido mais de um milênio da história da escrita, o que seria chamado de alfabeto semítico, pois representava o trabalho do povo semita. O primeiro alfabeto consonantal teria surgido por volta de 2.000 a.C., o que se tornaria decisivo para a humanidade, pois quase todos os alfabetos do mundo, hoje em dia, descendem diretamente deste desenvolvimento do alfabeto, ou foram inspirados por ele. Antes, porém, é de se ressaltar que a escrita hieroglífica dos egípcios, que era o sistema de escrita formal usado no Antigo Egito, combinava elementos logográficos (símbolos/desenhos), com um total de cerca de mil caracteres distintos, e se originou por volta de 3.000 a.C.. Daí a afirmativa de alguns pesquisadores em dizer que o alfabeto nascera dos hieróglifos, e tentarem convencer que todos os alfabetos existentes são uma alteração de imagens e símbolos, pois se apoiam na ideia de que o homem, na sua caminhada evolutiva, saindo do estado de selvageria em que vivia, e se elevando ao estado de vida social; antes se comunicando através de sons, gritos e interjeições; expressando seu sentimentos e pensamentos por palavras, chagando a inventar a primeira escrita simbólica.

Cesare Cantu, em 1946, historiador, escritor e importante intelectual italiano, autor da obra *Storia Universale*, já questionava: "Como poderia uma escrita, sem relação alguma com as palavras, apresentando a vista os objetos e não as palavras, gerar um sistema no qual se traçam não as imagens, mas sim os sons?" (LUZ,1963,p.49). Partindo desse questionamento chegamos à ideia de um desencontro de uma escrita representativa de sons, usando símbolos/desenhos, em poder transmitir o

real e fidedigno significado de palavras, pois por mais que uma escritura representativa, a mais perfeita que fosse, ela nunca iria expressar a mais simples expressão apropriada da voz.

Tomando por base esse desencontro na realidade histórica da representatividade da voz por caracteres da escrita, vem em auxílio da técnica da Taquigrafia, e junto a ela um outro questionamento: teria a taquigrafia partido do desenho primitivo? Para responder, pode-se iniciar ressaltando que é certo que os pesquisadores mais minuciosos das escritas antigas afirmam o caráter não só de antiguidade da Taquigrafia, como também são afirmativos em dizer que esta seria uma Arte e que o seu uso vem desde os tempos dos Fenícios, como é provado por várias inscrições daqueles tempos que, ainda, não se podem decifrar, e cujos símbolos taquigráficos usados seriam palavras inteiras capazes de serem escritas enquanto eram pronunciadas. Mas isso são fatos que, sendo expostos, vêm a contribuir mais ainda para uma confusão na averiguação histórica acerca de quando teria sido realmente criado o alfabeto.

DA TACHYGRAPHIA PARA @_TAQUIGRAFIA

É fato que todas as pessoas que tiveram e ainda têm contato com a Tachygrafia (forma de grafia antiga) são acordes e unânimes na ideia em dizer que esta seria uma arte milenar e conhecida em quase todos os continentes, quer sejam em países como a França, Inglaterra, Holanda e Alemanha, e que seria a Arte de escrever as oralidades de forma rápida, tal qual na mesma velocidade da voz – escrita rápida – e se utilizando de símbolos gráficos. Como já citado, é meio confuso se precisar com data real a invenção do alfabeto, se veio dos Egípcios, dos Fenícios, dos Gregos, dos Romanos, ou ainda dos Hebreus. Para tanto também se torna difícil afirmar historicamente a origem da Tachygrafia, e que com a ajuda da filosofia se torna também confusa tal afirmativa, pois esta é rica em assinalar várias passagens históricas acerca da evolução tanto da linguagem falada, quanto da escrita. Mas é cediço o enaltecimento desta Arte, demonstrando os altos, relevantes e indispensáveis préstimos, pensamentos

que vêm atravessando séculos e que vem assinalando um progresso evolutivo de aperfeiçoamento da técnica para se adaptar às modificações trazidas com a globalização e com o mundo informatizado, com a inteligência artificial. A Tachygraphia é uma Arte milenar que tem que ser exercitada e aprimorada para trabalhar em conjunto, agregando valor ao trabalho para o qual ela sempre se prestou – a representação da voz em forma escrita.

Caminhado pela historiografia da Tachygraphia, diante da dificuldade de se encontrar dados precisos e tomando de apoio pesquisas já preexistentes e das mais variadas fontes, temos que se atribui aos hebreus a invenção da Tachygraphia, devido a uma célebre frase de David – Rei de Isreal (1040 a.C./970 a.C.): *"Lingua mea calamus scribar velociter scribentis* (A minha língua é como a pena de um escritor, que escreve depressa)"(CURY,2000,p.5). Temos ainda que a invenção desta Arte teria partido dos gregos, quanto Pitágoras conta que Xenofonte (399 a.C.), através do uso da Tachygraphia, conseguiu fazer chagar até nós, pela história, os discursos de Sócrates. Como também em outra fonte temos que Plutarco (historiador e biógrafo grego) reconheceu a Roma a invenção da Arte; e foi Tucídides, na sua obra "História do Peloponeso", que escreveu um trecho onde menciona: "(...) quão difícil era conservar os discursos que antes ou depois da guerra haviam sido pronunciados"(CURY,2000.p.2).

Mais à frente ainda encontramos fontes que nos mostram que seria esta Arte inventada por Marco Túlio Tiro, escravo e secretário do Senador romano Cícero, e que a primeira tomada taquigráfica teria ocorrido por ocasião de um discurso de Cícero (em 70 a.C.), esse teria sido o primeiro sistema organizado de Tachygraphia a ser inventado, e que por Tritêmio, séculos depois, seria nominado de – Notas Tironianas, ou Abreviações Titonianas – e que foram usadas em Roma desde o séc. I a.C., até o fim do séc. XI; portanto, usadas por 12 (doze) séculos (CURY,2000,p.19-25). Mas, mesmo elas sendo usadas por tantas centenas de anos, ao final do séc. XI elas desapareceriam, deixando de serem usadas por mais anos adiante. São incertos e desconhecidos os fatos desse desaparecimento, deixando para nós alguns questionamentos, a saber: "o que haviam servido, durante tantos séculos, como o "gravador" – que tudo registrava e que

haveria de deixar tantos legados para a História e a Cultura da Humanidade?"(CURY,2000,p.2). Mais séculos se passaram, quando por volta do ano de 1482, um abade chamado *Johann Heidelberg*, que mais tarde ficou conhecido como "o Tritêmio", citado anteriormente, (por ter nascido em *Trittenheim* (Alemanha), e como o escritor salientou em uma de suas célebres obras – "A Poligrafia e a Esteganografia", inclusive publicadas após sua morte, ele salienta assim (CURY, 2000,p.3-4):

> *De notis et mirabili modo sed nimis laborioso scribendi M. T. Ciceronis, est post eum Sancti Cypriani episcopi et martiris'* – no qual o Tritêmio afirma ter encontrado um livro de abreviaturas taquigráficas escrito por Marco Túlio, Cícero, e depois ampliado por São Cipriano para uso dos cristãos. O livro consistia em uma coleção de milhares de abreviaturas taquigráficas, as famosas "Notas Tironianas" com o significado ao lado. Alguns estudiosos supõem que Cícero tenha enviado essa lista de "Notas Tironianas" ao seu filho, quando este estudava filosofia e letras em Atenas.

Foram muito importantes as descobertas de Tritêmio e não parariam por aí, pois ele encontrou, em um monastério, um pergaminho que teria sido escrito por Santo Anselmo, intitulado – *"Psalterium in armenica lingva* (Saltério em língua armênica) – que seria uma coletânea de orações, salmos, cânticos e outros escritos religiosos: "(...) e que na realidade não estava escrito no idioma armênio – como se pensava – mas sim em Notas Tironianas."(CURY,2000,p.4). Ressaltando que foi o Tritêmio quem deu o título de "Notas Tironianas" a esta grafia especial, e não o seu inventor Marco Túlio. E o próprio Tritêmio ainda havia deixado registrado que: "(...) esse modo de escrita requer uma grande memória e um cansativo trabalho de tradução, pois cada sinal significa uma palavra, uma sílaba ou uma parte do discurso." (CURY,2000,p.4). O que é certo dentro das pesquisas é que vários historiadores, filósofos, professores, religiosos, humanistas entre outras funções, nas épocas entre os anos de 1513 a 1817, foram contumazes usuários, quer seja escrevendo e reescrevendo obras com o intuito de decifrar e classificar a Arte da Tachygraphia a partir das Notas Tironianas.

Conceituar essa Arte seria dizer, rapidamente assim como é o seu significado, que: É a Arte da Escrita Rápida. Antigamente ficou conhecida também como estenotipia, e ainda o é em alguns lugares, mas é preciso fazer uma sutil diferenciação, pois a estenotipia atual seria a escrita rápida usando o estenótipo manual – máquina *criada em* 1943 por Juan Antonio Dominguez Carissimi (Uruguai) – dotada de teclas que se destina à transcrição estenográfica de palavras, ao ritmo da fala em sua velocidade normal; ao passo em que a Tachygraphia é a escrita rápida utilizando as próprias mãos humanas, seria realmente um manuscrito taquigráfico, usando símbolos da linguagem de sinais próprios. A Tachygraphia etimologicamente viria do – grego *tachy* = rápido e *graphia* = escrita, além de ser um termo geral que define todo método abreviado ou simbólico de escrita, visando melhorar a velocidade da escrita ou a brevidade desta se comparada a um método padrão de escrita manual. Entretanto, apesar da clara definição do termo Tachygraphia, é comum dizer que tachygraphia e estenografia são sinônimas. Tachygraphia seria, conceituando, também uma escrita fonética (CURY,2007,p.7):

> A Taquigrafia é um sistema gráfico que se regula, em geral, pela Fonética. Daí chamar-se a taquigrafia uma "escrita fonética". Na taquigrafia, cada sinal representa um determinado som. Um mesmo sinal pode ter vários tamanhos para significar diferentes sons. E dependendo do lugar que ocupa na pauta (embaixo ou em cima, aqui ou ali) representará um som específico. Um sinal ligado a outro tem um significado sonoro; separado, outro. Um simples espaço entre dois sinais pode ser também indicativo de um som diferenciado. Os detalhes diferenciais e determinantes de signos e sons variam de método para método.

Desde a queda do Império Romano (476 d.C.), onde ficou marcado o declínio das artes e das ciências, começaria, então, a Idade Média, tempo em que as Notas Tironianas entrariam também, paulatinamente, naquele momento de esquecimento já citado, e, mais ainda, teria sido, estimulado pela interferência da religião, relegada à categoria de magia negra, pois que exatamente a Igreja quem mais se utilizou desta Arte, por que relega-la a tal adjetivo? – Não seria porque exatamente

através desta Arte que o povo iria saber os reais motivos dos interesses políticos e econômicos do monopólio da Igreja sobre ele? Pois tudo havia sido registrado por ela durante anos! Perpassando por esses questionamentos e andando no tempo, já na Inglaterra as aspirações à liberdade de pensamento germinavam, o que viria a trazer de volta os bons tempos dessa Arte, sendo o País considerado o precursor da moderna Tachygraphia, através do médico e padre britânico chamado *Timothy Bright* que publicou, em 1588, uma obra que teria em seu conteúdo vários textos de sermões escritos no método da Tachygraphia *Bright*, assim por ele reinventada a partir das "velhas", diria – antigas, e de grandioso valor histórico – Notas Tironianas. A partir de então apareceram inúmeros estudiosos da arte taquigráfica, entre os anos de 1671 a 1888, cada qual aplicando estilos e métodos próprios, reformando e ampliando a aplicabilidade da taquigrafia, tornando-a mais simples, cursiva e adaptáveis a várias línguas europeias e cada vez mais exercitada em vários meios, quer sejam em casas políticas, jurídicas, escolas, jornais, etc. Todos os estudiosos e praticantes da Tachygraphia sempre empregaram esforços no sentido de obter maior velocidade e facilidade nos seus métodos taquigráficos. Assim como a Inglaterra citam-se a França, a Alemanha, a Espanha e Portugal como países Europeus que sempre utilizaram essa Arte de forma costumeira e com grande amplitude de usos sejam oficiais, sociais e educacionais, assim sendo utilizada desde sempre para escrever a história da humanidade, por assim dizer.

Vindo para as Américas, tem-se registros do seu uso na Argentina, como também no Uruguai. Quando, então, seria trazida ao Brasil no ano de 1823, com a Constituinte, e nos tempos iniciais da independência, por José Bonifácio de Andrada e Silva (Patrono da Independência Brasileira) que mandou instalar a primeira Escola Oficial de Tachygraphia, com apenas oito alunos - taquígrafos homens, com o intuito de preparar profissionais para trabalharem, a princípio, nas Casas Político-Imperiais da época e de onde advinham as demandas que necessitavam de profissionais tecnicamente habilitados para registrarem todos os acontecimentos, discursos, aprovação de legislações, solenidades, enfim, todas as oralidades que ali aconteceriam e que eram

publicadas em Annaes da Casa, e com isso serem transformadas em memórias históricas conhecidas por todos nós, exatamente por ter sido mecanizada através do pleno exercício da Arte da Tachygraphia. Daí se evidencia a grande importância da aplicabilidade desta Arte no desenrolar histórico político-administrativo, dessa época, em nosso País.

Algumas questões ultimamente estão sendo levantadas quando da importância da utilização ainda da transcrição, ou mesmo da Taquigrafia, não só nas Casas Jurídicas, mas no mundo moderno, já que seria uma Arte tão antiga e ultrapassada, assim consideradas por alguns. Entretanto, é de se ressaltar um aspecto técnico quando da usabilidade ainda da taquigrafia, notadamente é atestado e estimado que, em um mesmo espaço de tempo, uma pessoa consiga ler, em média, o dobro da quantidade das palavras que são faladas. Em assim sendo, ao considerarmos, por exemplo, em um julgamento com duração de uma hora, com diálogos e discussões ininterruptos do começo ao fim; o que é possível na prática de acontecer, principalmente a nível de segundo grau de jurisdição; seriam necessários menos de 30 (trinta) minutos para se tomar conhecimento de tudo o que foi registrado, pois a velocidade da leitura de uma transcrição é sempre menor do que o tempo gasto para rever ou reouvir os vídeos gravados, e se ter conhecimento do que naquela oportunidade foi oralizado.

É evidente que o trabalho de transcrição de todos os julgamentos dos tribunais, citado como exemplo anteriormente, seria por demais impraticável, mas em casos que tais nunca será uma técnica a ser desprezada por ser eficaz e eficiente para se alcançar um real conhecimento de fatos com mais clareza e veracidade, sem interferências e minimizando os desvios com a simples anexação de uma redução à termo de uma decisão. Essa questão acerca de quais os momentos em que a Taquigrafia, junto com a transcrição das oralidades, no campo do direito deve ainda ser operacionalizada, é um ponto que merece muita discussão, principalmente atualmente que a tecnologia tende a querer substituir totalmente essa atividade. Rebatendo e justificando esse ponto da discussão, a Arte da Taquigrafia quer andar junto com a tecnologia, não sendo uma Arte a ser esquecida ou abandonada, mas sim ser agregada,

utilizando mecanismos tecnológicos de registro e dando valor ao trabalho taquigrafado e transcrito oficial – as Notas Taquigráficas. Fazendo uma pausa para salientar que foi recentemente introduzido no Novo Código de Processo Civil (Lei nº 13.105/2015) o art. 944 que diz: "Não publicado do acórdão no prazo de 30 (trinta) dias, contado da data da sessão de julgamento, as notas taquigráficas o substituirão, para todos os fins legais, independentemente de revisão.", ressaltando o caráter de inserção recente (2015) do referido artigo na reedição da referida Lei que regulamente as relações cíveis em sociedade. Dando continuidade ao anteriormente pausado, com relação aos mecanismos tecnológicos, a utilização da gravação, como um dos recursos tecnológicos que de fato facilita o trabalho da taquigrafia, demonstra-se que ela tem sido usada de maneiras diversificadas no que se refere ao apanhamento, com bem explica Cury (2000,p.5) que divide essa prática em fórmulas das quais salientem-se duas:

> (...) 4ªFórmula - Orador ao vivo + taquígrafo ao vivo + gravação – é, incontestavelmente, a fórmula que permite 100% de autenticidade, de fidedignidade, de fidelidade, de perfeição. Aqui o taquígrafo tem duas fontes a que recorrer: as notas taquigráficas e a gravação. Mesmo quando a gravação não tenha ficado muito boa, será muito mais fácil ao taquígrafo, que taquigrafou ao vivo, fazer a reconstituição do discurso, pois ao vivo ele pôde "sentir o orador", ele pôde acompanhar todos os acontecimentos no plenário, no ambiente. E vice-versa, qualquer coisa que o taquígrafo não tenha conseguido entender ao vivo, ele a entenderá na gravação.
> 5ªFórmula - Orador ao vivo + taquígrafo ao vivo + áudio + computador (e mais outra tecnologia que venha a surgir), pode-se acreditar na excelência da atividade.

É de se reconhecer que a gravação tem sido de grande utilidade para o registro taquigráfico, exatamente por permitir ao taquígrafo trabalhar com mais tranquilidade e facilidade, com até menos tensão emocional e menos angústia, além de ser um aparato que auxilia tal profissional, pois possibilita várias oportunidades de reaudições de uma mesma palavra, frase ou trechos de discussões que: "(...) por algum motivo, não tenha sido entendido pelo taquígrafo durante o apanhamento taquigráfico" (CURY,2000,p.6). Atualmente existe uma corrente de pensamento, nos meios dos

operadores do direito, de que ao serem utilizadas tão somente as gravações ou videogravações anexadas ao bojo processual, ao acessarem essas mídias desprende-se ainda mais tempo na audição desses arquivos do que se esses fossem lidos, o que ocupa sobremaneira o tempo maior nos gabinetes ou escritórios advocatícios, ratificando argumento anteriormente aqui esposado e novamente certificando que a tecnologia veio para agregar valor ao trabalho de transcrição da taquigrafia.

Os novos sistemas de Taquigrafia em meio digital se utilizam da tecnologia da informação, através de aplicativos de decodificadores de voz, por exemplo, embora ainda não sejam amplamente usados em nosso País, quer nas Casas Legislativas ou Judiciárias, pois cada Instituição tem rotinas de trabalhos que, nem sempre, adaptam-se a usar esses aplicativos. E, em sendo utilizados, indica-se que o profissional de Taquigrafia seja o profissional habilitado para trabalhar e preservar toda essa documentação institucional, quer seja em formato de áudio, vídeo, e principalmente transcrito. É de se notar que está ocorrendo uma transformação, uma readaptação das funções, ou seja, os profissionais de Taquigrafia estão passando a ser gerentes operacionais do procedimento. É fato que a tecnologia diminui o trabalho braçal, mas, mais do que nunca, exige cognição humana para gerenciar todo esse desenvolvimento.

APOIO DA TAQUIGRAFIA PARA OS HISTORIADORES

Este estudo ainda traz, como ponto a debater, a importância da Taquigrafia como suporte para a História Oral, enfatizando sua relevância para a coleta de fonte oral, não só nos setores da Administração Pública, mas também mostrando que seria ela uma atividade inter e multidisciplinar e institucional, em sua natureza e aplicabilidade, e que daria grande suporte aos historiadores, principalmente àqueles que primam pelo uso da metodologia da História Oral em seus trabalhos científicos. É uma ideia que encaixa no campo da técnica do fazer histórico e tem como eixo norteador de discussão a história social que privilegia o Ser histórico, ou seja, o Sujeito histórico e suas experiências, suas memórias, historicamente localizado.

Compreende-se a Taquigrafia como forma de linguagem e técnica de registro oral produzido pela sociedade. É um método que se ampara na fonética da linguagem oral e se define como sendo o exercício da escrita rápida através de sinais próprios; termo que define o método abreviado de uma escrita e que acompanha a velocidade das oralidades em sua forma transcrita. Utiliza-se, em tempo posterior, da decodificação e transcrição desses sinais para compor o texto escrito. O profissional desta Arte foi e ainda é uma testemunha ocular de fatos, eventos e oralidades; além de ser uma testemunha que tem fé pública, que é o crédito que se deve dar a documentos emanados de autoridades públicas ou serventuários da justiça, em virtude da função ou ofício exercido.

A utilização da metodologia da história oral nos faz ter em mente o incansável trabalho com as gravações de entrevistas, e para tanto as novas tecnologias têm apoiado significativamente o trabalho dos historiadores. No entanto, nem sempre se tem à disposição, naquele dado momento, equipamentos, poucos que sejam, quando necessitamos reunir e anotar as oralidades das entrevistas. O registro taquigráfico seria como uma opção para os pesquisadores usurário da metodologia da história oral, não só por contar com poucos recursos econômicos para tais projetos; contar com a pouca habilidade do registrador; e não só também por ampliar a capacidade da coleta de informações com a captação do discurso com mais celeridade; ainda assim, no momento posterior, verificada a importância da transcrição, a indicação do profissional de taquigrafia que é um especialista em transcrição de oralidades. A característica de ser um hábil transcritor se dá visto a sua intrínseca relação de trabalho com esse mecanismo de decodificação (passagem do oral para o escrito).

Um outro ponto a ser ressaltado neste estudo é reconhecer que atualmente, e cada vez mais, vem sendo importante para os historiadores a preocupação com as condições de produção das fontes históricas, quando de suas pesquisas. A condição de produção é quando um pesquisador pega para analisar, por exemplo, um discurso de um político ou de um juiz, e se preocupa em saber como é que esse documento foi ou é produzido. A condição de produção da fonte histórica seria justamente isso: saber como

aquela transcrição foi ou é produzida. Consequentemente vem à mente um questionamento: a partir de qual processo ela foi produzida? Essa informação da condição de produção da fonte histórica é importantíssima para o historiador, pois para se analisar, por exemplo, uma transcrição realizada por taquígrafos há anos, o pesquisador tem quer perguntar às fontes uma série de indagações, por exemplo: em que ambiente se deu tal oralidades – Casas Legislativas ou Casas Judiciárias – esse detalhe é importantíssimo para o historiador, pois a taquigrafia legislativa é diferente da taquigrafia judiciária no *modus operandi* da concepção do documento oficial a ser produzido – notas taquigráficas. Tendo-se que levar em conta também o momento temporal em que aquelas fontes foram efetivamente confeccionadas – para o historiador vai interessar muito conhecer as etapas, os caminhos entre o momento em que e onde ocorreu a captação das oralidades, dos testemunhos presenciados e transcritos, ressaltando o caráter de fé pública do profissional habilitado para tal (Taquígrafo), como também o processo de transcrição até a final anexação desta transcrição aos Annaes ou aos autos de um processo, formando o documento que está sendo analisado. Como essa fonte – transcrição do julgamento ou do discurso – foi produzida? É uma indagação ligada à metodologia da história, pois é o pensar de como um documento, de como uma fonte foi produzida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da Arte da Taquigrafia como suporte para a história oralizada, demandada das incontáveis oralidades institucionais, enfatiza sua relevância para a coleta de fonte oral não só nos setores da Administração Pública, como também mostra ser esta uma atividade inter e multidisciplinar em sua natureza e aplicabilidade, e que deu e ainda dá grande suporte às diversas Instituições públicas, pois que prima pelo uso da metodologia da história oral através da transcrição para perpetuar memórias institucionais, desde sempre.

Notadamente é de se ressaltar, ao final, que toda a informação registrada na documentação, decorrente da atividade administrativa das mais diversas Instituições,

revela-se de suma importância à preservação como acervo de memórias institucionais e, consequentemente, a sua inserção no âmbito da proteção constitucional e legal conferida ao patrimônio histórico, artístico e cultural, e se aplica a quaisquer outras instituições, pois são repositórios vivos de relatos e documentos históricos, os quais demandam preservação contínua.

Da Tachygraphia – que é uma Arte que há milênios se encaixa no campo da técnica do fazer histórico e tem como eixo norteador de discussão a história social que privilegia o Ser histórico, ou seja, o Sujeito histórico e suas experiências, suas Memórias, historicamente localizado. Para @_Taquigrafia – que continua a ser uma Arte que deve resguardar, tratar e registrar informações nas diversas documentações, físicas ou virtuais, decorrentes das atividades administrativas das mais diversas Instituições, revela-se de suma importância a sua preservação no campo do saber histórico.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ªed., Revista e Atualizada, Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2013.

CURY, Waldir. Taquígrafo Revisor da ALERJ. Professor - Proc.1273/68-MEC. **Taquigrafia em Foco**. Disponível em: http://www.taquigrafiaemfoco.com.br – Acesso em janeiro/2020.

LUZ, Pedro da Silva/Prof. **A Taquigrafia e o mundo da palavra falada e escrita.** Editora H. Antunes. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas. 1963. Rio de Janeiro.

MARQUES, Otacílio Guedes. Dissertação de Mestrado: **Informação Histórica: Recuperação e Divulgação da Memória do Poder Judiciário Brasileiro**. Brasília, UNB/2007.Disponível:http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1563/1/Dissertacao_Otacilio_Guedes_Marques.pdf›. Acesso em agosto/2020.

RAMALHO, Ana Cristina de Macêdo. **A Importância do Registro Taquigráfico para o Processo Legislativo**. Monografia/Curso de Especialização em Processo Legislativo da Câmara dos Deputados/2007. Câmara dos Deputados. Brasília. Disponível: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5830/importância_registro_ramalho.pdf?sequence =1. Acesso em janeiro/2020.